

Deslocamentos/Déplacements
revista franco-brasileira interdisciplinar de psicanálise

.....

Apresentação

A questão do trauma marca a história da psicanálise e está muitas vezes presente nos seus momentos mais fortes. Em primeiro lugar, Freud pensou que a neurose, e em particular a histeria, era devida a um trauma sexual: a «sedução» da criança por um adulto do seu ambiente, eventualmente o seu próprio pai. Renunciou a esta generalização, quando tomou consciência de que esta sedução, em muitos casos, era da ordem da fantasia, o que não significa, aliás, que as crianças nunca sejam objecto de agressões reais.

Um dos seus discípulos mais inventivos, Ferenczi, nunca renunciou, aliás, a trabalhar sobre o trauma, ao qual deu descrições impressionantes. Ressalta assim “em primeiro lugar a paralisia completa de toda a espontaneidade, e depois de qualquer trabalho de pensamento, ou mesmo a estados semelhantes ao estado de choque, ou de coma, no domínio físico”. Nele vê a fonte de uma clivagem da pessoa “numa parte sensível, brutalmente destruída, e outra que sabe tudo mas não sente nada, de certo modo”.

O próprio Freud, de resto, retomou a ideia da causalidade traumática de certos distúrbios psíquicos, mas limitou-os a situações muito particulares, como a guerra, por exemplo. Um sujeito vítima de um trauma de guerra pode reviver sem alterações, durante longos anos, na memória ou no sonho, os acontecimentos por que passou.

A obra de Lacan permite talvez uma abordagem mais estrutural. Esta poderia partir da ideia de que o que é traumático é o que, do encontro com um real desafiador, não foi simbolizado. Ora, Lacan propõe, relativamente ao sintoma em geral, uma abordagem muito esclarecedora. É certo que primeiro pensou, depois de Freud, que o sintoma vinha dizer alguma coisa, que tinha, portanto, uma dimensão simbólica. Mas, pelo menos num dos seus textos, “A terceira”, diz que chama sintoma “o que vem do real”. Isto permitirá muitos avanços na clínica psicanalítica.

Em Freud o traumatismo é definido como uma invasão no psiquismo que paralisa o princípio do prazer, conhecido por buscar o mínimo de excitação possível, o que é necessário para guardar a tranquilidade interior, por exemplo, beber quando se tem sede. A invasão, que é

o trauma, obriga o psiquismo a encontrar uma outra solução, mais urgente que aquela que busca o prazer, para descarregar este excesso de excitação introduzida pelo acidente traumático. Mas esta descarga somente pode ser feita através da pulsão em sua ligação a uma representação inconsciente. Sem esta ligação inconsciente o excesso de excitação pode ameaçar a integridade do sujeito. Mas de onde viria este excesso de excitação, tal qual acontece quando somos agredidos ou estamos envolvidos em um acidente de veículos, por exemplo ? O real em Lacan se recorta da representação, ele se subtrai do discurso, no Seminário XI sobre “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” ele fala do real como um encontro entre tiquê e autômaton, entre o acaso e a estrutura. No insucesso da representação do real pelo discurso Lacan vai situar o traumatismo. Conforme Roland Chemama e Christian Hoffmann : “o que faz do trauma a experiência subjetiva de um real inassimilável. O real vai do trauma ao fantasma, enquanto o fantasma, que é uma leitura do real, constitui igualmente uma tela que o encobre, determinado pela mesma compulsão a repetição”¹. Seria o trauma como encontro com o real, mas este encontro é coberto por outro encontro onde nos falta a representação, o que causaria este excesso de excitação do traumatismo. Chemama e Hoffmann retomam dois neologismos lacanianos para debater a questão do traumatismo, o “traumatismo” onde “trou”, buraco em francês, nos mostra este buraco na produção de sentido e o “symptraumatique”, junção entre sintoma e trauma que nos indica o trabalho psíquico e analítico a fazer, de poder transformar o trauma em sintoma.

Nós temos hoje no mundo sujeitos expostos ao traumatismo. Encontros de impossibilidade de representação que produzem sujeitos vazios, traumatizados, que chegam aos consultórios sem um sintoma específico, tomados pelo trauma, por este excesso de excitação, por um gozo ilimitado que alimenta a compulsão a repetição. Esta é uma clínica necessária na atualidade, como passar do trauma ao sintoma, pois cada vez mais recebemos sujeitos traumatizados.

Nós vimos, nos últimos anos, até que ponto os traumas de que as nossas sociedades são vítimas podem ter efeitos sobre a subjectividade individual. Esta relação entre as catástrofes que abalam as sociedades de forma ampla como terrorismo, guerras, ditaduras, sistema econômico brutal, pandemias e o trauma vivido de forma individual é o fio condutor deste segundo número da Revista Deslocamentos/Déplacements. Freud nos dizia no “Mal-estar na

¹ R.Chemama et C. Hoffmann, Trauma dans la civilisation, Toulouse, Éditions érès, 2018, p.74.

cultura” que o sofrimento pode nos atingir de três fontes, o nosso corpo, a natureza e a relação com os outros homens, sendo este último o mais frequente. Quando nos sentimos desamparados frente a uma força externa que se apresenta demasiada para nosso psiquismo qual as possibilidades de saída do traumático ? Pensemos aqui, por exemplo, nos massacres em massa cometidos, na França e em todo o mundo, por Daesch, na violência exercida pelas ditaduras na América Latina ou recentemente a catástrofe social vivida neste ano de 2020 no mundo inteiro com a pandemia de Covid-19, o vírus que parou o mundo.

Neste número Roland Chemama nos traz o conceito de trauma na psicanálise a partir da teoria freudiana, lacaniana e ferenziana, analisa o trauma como o encontro com o sexual em Freud relacionando eventos sociais traumáticos, como holocausto e atentados terroristas ocorridos na França em 2015, com o trauma no sujeito individual que se encontra em um estado de desamparo. Rodrigo Fernandes Teixeira e Edson Luiz André de Sousa trazem um artigo contundente mostrando o esforço de enlace entre a memória traumática do passado ditatorial brasileiro (1964 - 1985) e a narrativa como forma de lidar com o traumático. Lucia Serrano apresenta um belo ensaio sobre as portas migratórias, o encontro do estrangeiro com o estranho buscando formas literárias de lidarmos com a violência. Liana Netto Dolci articula trauma e política partindo de uma análise do filme Terra em Transe (1967) dirigido por Glauber Rocha para pensar uma saída do traumático de um fechamento político, tal qual a ditadura brasileira, como sendo da ordem da narrativa, do testemunho. Michel Peterson e os psicólogos do Traços de Escuta fazem um relato poético e surpreendente sobre os efeitos traumáticos da pandemia de Covid-19 sobre terapeutas na transição da Clínica na rua para a clínica on-line e o encontro com a morte. Isadora Goes, Fernando Rodrigues, Filipe Zoppo e Eduardo Martins buscam uma reflexão entre trauma e sintoma questionando o discurso neoliberal de produtividade e positividade e seus impactos nos sujeitos como um discurso que está atrelado ao Ideal do Eu postulado por Freud. Marilande Martins Abreu e Arinaldo Martins de Sousa relacionam o trauma a história absurda do racismo no Brasil. Na relação com a pedagogia, Carolline de Souza Botelho articula a noção de trauma na psicanálise com práticas pedagógicas submetidas a lógica do hipercapitalismo.

A clínica do trauma nos traz vários questionamentos desde o início da história da psicanálise, neste sentido Rosana de Souza Coelho relaciona o trauma com o sonho e o despertar articulando a emergência do saber no campo do real. Carolina Freitas de Queiroz costura o conceito de trauma com a noção de Real, repetição e contingência ressaltando que

para que haja traumatismo é preciso que um evento coincida, ou ainda que ele faça eco com aquilo que “pega” para um sujeito: seu ponto cego e de impossível historização, simbolização. Maria Roneide Cardoso retoma de maneira forte a importância da travessia do fantasma na clínica psicanalítica para pensar o fantasma masoquista feminino e o “trauma de ser mulher”. Juliana de Castro Santana nos brinda com um caso clínico para ajudar a pensar a importância do testemunho como transmissão do real que emerge e permite um trabalho clínico sobre a experiência traumática.

Para Freud o trauma se estabelecia em um segundo momento, não aquele do ato, mas da leitura do ato, como a parte que escapava a leitura, uma impossibilidade de dar sentido, construir uma narrativa. Então convidamos o leitor a um terceiro momento, este de ler o Trauma na tentativa de desvelar um pouco disso que não se dá a leitura.

*Prof. Dr. Fernando Hartmann
Editor-gerente*

.....

Desejamos a todos uma boa leitura!